

COMUNICAÇÃO ACADÊMICA

Título: O romance-reportagem como a matriz de um novo gênero jornalístico: o jornalismo compreensivo

Autores: Luciana Vieira – formanda em Comunicação Social – habilitação Jornalismo
Álvaro Nunes Larangeira – orientador – mestre em Comunicação Social

Instituição: Instituto Superior e Centro Educacional Luterano Bom Jesus/Ielusc (Joinville/SC)

E-mail: Álvaro Nunes Larangeira – alvaro@ielusc.br ou larangeira@terra.com.br
Luciana Vieira – luvieira80@hotmail.com

Resumo:

Propõe a criação de um novo gênero jornalístico – o jornalismo compreensivo – tendo como matriz o romance-reportagem. A idéia de propô-lo surgiu na observação das peculiaridades do romance-reportagem. Do exame dos gêneros jornalísticos existentes no país, percebeu-se que ele absorve elementos dos jornalisismos informativo, opinativo, interpretativo e diversional, os mais citados pelos autores consultados. Explica-se o motivo da escolha do termo “compreensivo” por meio das idéias de Edgar Morin sobre compreensão e explicação. Após definir o que é o jornalismo compreensivo e suas características, partiu-se para o estudo de caso de três livros de romance-reportagem: “Aracelli, meu amor”, de José Louzeiro, “As noites das grandes fogueiras”, de Domingos Meirelles, e “Abusado”, de Caco Barcellos, para demonstrar que as obras estão adequadas ao gênero jornalístico compreensivo.

Palavras-chave: romance-reportagem
gênero jornalístico
jornalismo compreensivo

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar argumentos teóricos e práticos para a proposta do romance-reportagem como a matriz de um novo gênero jornalístico: o jornalismo compreensivo. O romance-reportagem, que possui profundidade e ambigüidade como suas principais características, é fruto da busca do jornalista pela compreensão e visão abrangente da realidade retratada. O estudo é do tipo bibliográfico e qualitativo, sem prioridade para amostra quantitativa. Foi nas pesquisas sobre o romance-reportagem que surgiu a idéia do gênero compreensivo. Para sustentar a proposta, foram escolhidos três livros escritos em décadas distintas: “Aracelli, meu amor” (1976), de José Louzeiro, “As noites das grandes fogueiras” (1995), de Domingos Meirelles, e “Abusado” (2003), de Caco Barcellos.

O jornalista tem o livro como mais uma alternativa para publicar seus trabalhos. No livro, ele possui a liberdade de escrever o que foi pesquisado sem a obrigação de seguir as regras dos manuais de redação. Não há pretensão de mostrar as reportagens publicadas na imprensa como menos apuradas e elaboradas na escrita. Elas explicam os acontecimentos, mas o leitor pode ter uma visão simples. É, sim, mostrar que o romance-reportagem consegue ir além dessa visão, oferecendo uma leitura que poderá provocar reações tais como as de dúvida, contestação, furor, alegria, indignação e tristeza.

O ROMANCE-REPORTAGEM

Apesar do rótulo “romance-reportagem”, tipicamente brasileiro, ser hoje pouco utilizado, ele continua circulando no país. Foi na década de 1970, fase de maior sucesso, que a mistura de jornalismo e literatura recebeu a denominação de romance-reportagem. A expressão apareceu pela primeira vez na coleção de livros escritos por jornalistas, lançada pela Editora Civilização Brasileira.

Por conta da periodicidade, a produção jornalística atual é comparada a uma indústria, em que se tenta cobrir várias áreas diferentes da atividade social, com mais rapidez e obedecendo a padrões rígidos para simplificar a coleta de informações e uniformizar a elaboração dos textos. Muitas vezes o espaço para o conteúdo jornalístico é reduzido face aos anúncios publicitários. Há ainda perda de espaço com os infográficos, estatísticas e pesquisas de opinião. Assim, os profissionais, principalmente os mais criativos e inquietos, sentem-se encolhidos no esquema da indústria jornalística e optam pela elaboração de seus trabalhos na forma de romance-reportagem. Não é motivo para dizer que os jornalistas não conseguem

criar bons textos em espaços curtos. Eles querem dar mais formas de compreensão e interpretação da realidade aos leitores.

José Louzeiro, atormentado por não lhe ser permitido escrever além ou contra a exigência da linha editorial, publicou vários livros de romance-reportagem. Manuel Antônio de Castro (2002) escreveu um artigo onde conta o que levou Louzeiro a iniciar seus trabalhos jornalísticos na forma de livro. Ao fazer uma reportagem sobre Camanducaia, constatou que o jornal no qual trabalhava só publicou o que não ferisse as instituições envolvidas no encaminhamento de um grande grupo de menores para morrer abandonado num lugar ermo. Revoltado, procurou um meio de tornar público o que sabia e escreveu seu primeiro romance-reportagem: “Infância dos mortos”.

O jornalista americano Jon Krakauer também resolveu ir além do que foi publicado na imprensa. Quando trabalhava na revista “Outside”, Krakauer recebeu a tarefa de reportar as circunstâncias que levaram Chris McCandless, um jovem inteligente e rico, a abandonar a família e um futuro promissor e a morrer sozinho no frio do Alasca. Após a publicação da reportagem, o jornalista teve o desejo obsessivo, como ele próprio definiu, de compreender o comportamento e a trajetória do jovem. Assim, resolveu refazer os caminhos percorridos por McCandless. O resultado da curiosidade de Krakauer está em seu livro “Na natureza selvagem” (1998). Apesar de não usar o termo “romance-reportagem”, na contracapa de seu livro diz que é uma história verdadeira, mas com todos os ingredientes de um romance de ficção.

É de se perguntar qual é o lugar do romance-reportagem nos gêneros existentes no Brasil. Analisando os estudos de diferentes autores sobre gêneros jornalísticos, sendo o jornalismo informativo, opinativo, interpretativo e diversional entre os mais citados, percebe-se que o romance-reportagem navega por todos esses gêneros, formando um diferencial. Apesar de ter recursos característicos da narrativa de ficção, considera-se o romance-reportagem como um trabalho jornalístico.

A informação está presente nesse tipo de narrativa. Ela não é atual, não aconteceu há algumas horas ou minutos, mas o narrador escreve como se estivesse acontecendo no exato momento em que a pessoa abre o seu livro para ler, assim como é feito em qualquer romance de ficção. A opinião também deixa a sua marca nas páginas de um romance-reportagem. Como, por exemplo, fez José Louzeiro com “Aracelli, meu amor” (1976), ao criar a personagem Rita Soares. As falas, as ações e os pensamentos da personagem podem ser do próprio autor querendo interferir na história.

A interpretação se faz presente no romance-reportagem. Afinal, quando se opina também se interpreta. Quando Krakauer compara a saga de McCandless em “Na natureza selvagem” com a dos outros aventureiros, ele busca interpretar o que se passa na mente deles quando decidem viver sozinhos nas montanhas geladas do Alasca.

O lado diversional é outro que consta no romance-reportagem. Costumes, comportamentos, ambições, desejos, traços físicos, como se vestem, o que gostam ou não de fazer, classe social dos personagens são exemplos encontrados nos livros dessa narrativa. Krakauer, por exemplo, o faz com McCandless. Não só com ele, mas com todos os personagens que aparecem em seu livro.

Assim, o romance-reportagem absorve, simultaneamente, características dos gêneros informativo, opinativo, interpretativo e diversional. Dessa forma, ele se torna peculiar diante dos gêneros existentes, a tal ponto que se torna a base da proposta de um novo gênero, o jornalismo compreensivo. Não se afirma que cada gênero está presente de maneira intensa nessa narrativa. Há romance-reportagem, por exemplo, que possui mais intensidade como gênero opinativo e menos como gênero diversional.

COMPREENSÃO E EXPLICAÇÃO

A idéia de adotar o termo “compreensivo” para o novo gênero jornalístico é baseada no pensamento de Edgar Morin (1999) sobre compreensão e explicação. Segundo ele, a compreensão é o conhecimento das atitudes, sentimentos, intenções, finalidades dos outros. É fruto de uma mimese psicológica que dá permissão para reconhecer ou sentir o que o outro sente. A compreensão, assim, é procedida de uma projeção (de si para o outro) e de uma identificação (com o outro), num duplo movimento de sentido contrário que forma um ciclo.

Do ciclo de projeção-identificação sai o ato de compreender o outro com a idéia “eu sou tu”. Por projeção, compreende-se o que o outro sente ao se sentir em semelhante situação. Por retorno de identificação sobre si mesmo do sentimento projetado no outro, Morin explica: aquele que sabe o que é a humilhação compreende instantaneamente o sofrimento do insultado, mesmo escondido pela vergonha ou pelo pudor.

A explicação, para ele, é um processo abstrato de demonstrações feitas de forma lógica, a partir de dados objetivos, em virtude de necessidades materiais ou formais e/ou de uma adequação a estruturas ou modelos. Segundo Morin, explicação e compreensão estão e devem estar dialogicamente ligadas, pois não há compreensão sem explicação. A noção de dialógica aplicada por ele pode ser definida como a associação complexa

(complementar/concorrente/antagônica) de instâncias “necessárias em conjunto” à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado.

Outra idéia que sugere o uso do termo “compreensivo” está baseada no “paradigma de simplificação” e no “paradigma de complexidade”, discutidos também por Edgar Morin (1998: 329-34).

Chamo de “paradigma de simplificação” ao conjunto dos princípios de inteligibilidade próprios da cientificidade clássica, e que, ligados uns aos outros, produzem uma concepção simplificadora do universo (físico, biológico, antropológico). Chamo de “paradigma de complexidade” ao conjunto dos princípios de inteligibilidade que, ligados uns aos outros, poderiam determinar as condições de uma visão complexa do universo (físico, biológico, antropológico). (MORIN, 1998: 330)

Morin traça 13 princípios de inteligibilidade da ciência clássica que pertencem ao paradigma de simplificação. Sobre o paradigma de complexidade, ele formula a hipótese de que um paradigma de complexidade poderia ser constituído na e pela conjunção de 13 princípios de inteligibilidade. Ao apresentar os princípios, usa-se exemplos da atividade jornalística para melhor entendimento das idéias de Morin. Os exemplos são de comparação entre a reportagem praticada pela maioria dos jornais, das revistas, das emissoras de rádio e televisão e da internet (neste trabalho denomina-se de reportagem comum), e o romance-reportagem. Identifica-se a reportagem comum com os princípios do paradigma de simplificação e o romance-reportagem com os do paradigma de complexidade.

Nº	Paradigma de simplificação	Paradigma de complexidade
1	<p><i>Princípio de universalidade: “Só há ciência do geral”. Expulsão do local e do singular como contingentes ou residuais.</i></p> <p>Ex.: Uma reportagem comum em geral parte do conceito – preconceito – geral para fazer a leitura do local. Encontramos exemplos em matérias de editorias como a de polícia – tal qual abordado por Caco Barcellos neste trabalho.</p>	<p><i>Validade, mas insuficiência do princípio de universalidade. Princípio complementar e inseparável de inteligibilidade a partir do local e do singular.</i></p> <p>Ex.: No romance-reportagem, é descrito extensamente o local. O repórter conhece a pele, o tecido das partes que compõem o geral. O “Abusado” serve também como exemplo para este caso.</p>
2	<p><i>Eliminação da irreversibilidade temporal e, mais amplamente, de tudo que é eventual e histórico.</i></p> <p>Ex.: A reportagem comum é voltada para a atualidade, o agora, o presente, o hoje, etc. Não há ligação de uma situação atual com o passado, ou seja, explica-se o hoje como algo novo, que não existiu no passado.</p>	<p><i>Princípio de reconhecimento e de integração da irreversibilidade do tempo na física, na biologia e em toda problemática organizacional. Necessidade inelutável de fazer intervirem a história e o acontecimento em todas as descrições e explicações.</i></p> <p>Ex.: O romance-reportagem também mostra a atualidade, mas volta-se para o passado para fazer uma ligação com o presente. Um fato não é apresentado como novidade, pois os seus pormenores estão no passado. Os pormenores não aparecem no</p>

		momento em que se dá um fato. Eles, aos poucos, foram surgindo para formar um fato.
3	<p><i>Princípio que reduz o conhecimento dos conjuntos ou sistemas ao conhecimento das partes simples ou unidades elementares que os constituem.</i></p> <p>Ex.: Na reportagem comum sobre um assassinato são apresentados o que fizeram a vítima, o possível culpado e a polícia. Não se olha a história dos envolvidos antes do assassinato, apenas trata desse crime. Aparentemente falta algo que faça parte da constituição do assassinato.</p>	<p><i>Reconhecimento da impossibilidade de isolar unidades elementares simples na base do universo físico. Princípio que une a necessidade de ligar o conhecimento dos elementos ou partes aos conjuntos ou sistemas que elas constituem.</i></p> <p>Ex.: No romance-reportagem, a motivação psicológica, o comportamento, o sentimento das pessoas envolvidas no fato são alguns elementos que juntam a história do assassinato.</p>
4	<p><i>Princípio que reduz o conhecimento das organizações aos princípios de ordem (leis, invariâncias, constâncias, etc.) inerentes a essas organizações.</i></p> <p>Ex.: A reportagem comum, muitas vezes, obedece ao esquema do “lead” e da pirâmide invertida. O texto é ordenado do mais para o menos importante. Dessa forma, nem sempre o leitor adquire mais conhecimento sobre os fatos.</p>	<p><i>Princípio da incontornabilidade da problemática da organização e – no que diz respeito a certos seres físicos (astros), os seres biológicos e as entidades antropossociais – da auto-organização.</i></p> <p>Ex.: O romance-reportagem sobrepõe-se à linha do “lead” e da pirâmide invertida. O jornalista fica livre para elaborar o texto como desejar. Afinal, determinado fato pede uma estrutura textual diferente de outro. E o leitor toma mais conhecimento ao se deparar com um texto pormenorizado.</p>
5	<p><i>Princípio de causalidade linear, superior e exterior dos objetos.</i></p> <p>Ex.: Na reportagem comum, o fato é mais importante que a pessoa do fato. O fato é o objeto, o lado exterior, a aparência da realidade.</p>	<p><i>Princípio da causalidade complexa, comportando causalidade mútua inter-relacionada, inter-retroações, atrasos, interferências, sinergias, desvios, reorientações. Princípio da endo-exocausalidade para os fenômenos de auto-organização.</i></p> <p>Ex.: No romance-reportagem, a pessoa ganha destaque no fato. Há relação complexa entre a pessoa e o fato. Assim, apresenta-se o fato como o objeto e a pessoa como sujeito do objeto.</p>
6	<p><i>Soberania explicativa absoluta da ordem, ou seja, determinismo universal e impecável: as aleatoriedades são aparências devidas à nossa ignorância. Assim, em função dos princípios 1, 2, 3, 4 e 5, a inteligibilidade de um fenômeno ou objeto complexo reduz-se ao conhecimento das leis gerais e necessárias que governam as unidades elementares de que é constituído.</i></p> <p>Ex.: A reportagem comum procura explicar as causas de um fato. Para isso, ela obedece a uma seqüência lógica ou ordem que dê entendimento ao fato.</p>	<p><i>Princípios de consideração dos fenômenos segundo uma dialógica ordem-desordem -interações-organização. Integração, por conseguinte, não só da problemática da organização, mas também dos acontecimentos aleatórios na busca da inteligibilidade.</i></p> <p>Ex.: O romance-reportagem busca a profundidade de um fato. Utilizando os recursos literários, ele possibilita mostrar com mais detalhes o fato. Como pode criar, por exemplo, um personagem ficcional, mas sem alterar o verdadeiro desfecho, o seu texto se torna ambíguo. É na dúvida que ele pode conseguir compreender a amplitude de um fato.</p>
7	<p><i>Princípio de isolamento/separação do objeto em relação ao seu ambiente.</i></p> <p>Ex.: Quando noticia um fato, não o relaciona com o seu ambiente. O fato aparenta não pertencer a determinado meio.</p>	<p><i>Princípio de distinção, mas não de separação, entre o objeto ou o ser e seu ambiente. O conhecimento de toda organização física exige o conhecimento de suas interações com seu ambiente. O conhecimento de toda organização biológica exige o conhecimento de suas interações com seu ecossistema.</i></p>

		Ex.: O romance-reportagem faz a relação do fato ou da pessoa com seu ambiente. Mostra como é o fato ou pessoa dentro de seu meio.
8	<p><i>Princípio de separação absoluta entre o objeto e o sujeito que o percebe/concebe. A verificação por observadores/experimentadores diversos é suficiente não só para atingir a objetividade, mas também para excluir o sujeito conhecente.</i></p> <p>Ex.: O jornalista, às vezes, fica distante do fato e da pessoa que está reportando, pois acredita que, dessa maneira, pode escrever um texto mais objetivo, sem mostrar a sua subjetividade. É o jornalista que se coloca separado do fato ou da pessoa.</p>	<p><i>Princípio de relação entre o observador/concebedor e o objeto observado/concebido. Princípio de introdução do dispositivo de observação ou de experimentação e, por isso, do observador/concebedor em toda observação ou experimentação física. Necessidade de introduzir o sujeito humano em estudo antropológico e sociológico.</i></p> <p>Ex.: O jornalista, quando deseja escrever um romance-reportagem, se aproxima do fato e da pessoa. Aproximar é captar o sentimento da pessoa diante do fato. Dessa forma, elabora um texto mais atraente e emotivo para provocar algum tipo de sentimento no leitor.</p>
9	<p><i>Ergo: eliminação de toda a problemática do sujeito no conhecimento científico.</i></p> <p>Ex.: Numa matéria sobre o aumento do desemprego no Brasil, trata-se das causas de as empresas estarem demitindo funcionários. Ela não está focalizando o funcionário, mas o problema das empresas.</p>	<p><i>Possibilidade e necessidade de uma teoria científica do sujeito.</i></p> <p>Ex.: No romance-reportagem, o problema do funcionário recebe a atenção do jornalista. Quando são explicadas as causas das empresas realizarem demissões, muda as emoções ou ações dos funcionários que saíram, que ficaram e dos dirigentes das empresas. É nesse ponto que trabalha o romance-reportagem: mostrar como ficou a realidade após as demissões.</p>
10	<p><i>Eliminação do ser e da existência por meio da quantificação e da formalização.</i></p> <p>Ex.: O texto de uma reportagem pouco explora a riqueza dos diálogos entre as pessoas. O que ela usa, na maior parte das vezes, são citações.</p>	<p><i>Possibilidade, a partir de uma teoria da autoprodução e da auto-organização, de introduzir e reconhecer física e biologicamente (e sobretudo antropológicamente) as categorias do ser e da existência.</i></p> <p>Ex.: O texto de um romance-reportagem utiliza bastante o recurso dos diálogos entre pessoas. Quando o jornalista escreve o que uma pessoa falou está mostrando o seu comportamento, o meio em que vive, as características dela dentro da sociedade.</p>
11	<p><i>A autonomia não é concebível.</i></p> <p>Ex.: A elaboração de uma reportagem comum geralmente obedece a alguma norma, como é o caso dos manuais de redação. Além dos manuais, o texto pode mudar quando passa nas mãos do chefe de reportagem, do secretário de redação, entre outros.</p>	<p><i>Possibilidade, a partir de uma teoria da autoprodução e da auto-organização, de reconhecer cientificamente a noção de autonomia.</i></p> <p>Ex.: O romance-reportagem extrapola as regras que existem nos manuais de redação, pois permite ao jornalista escrever um texto na maneira que ele achar melhor ou mais conveniente. É um texto autoral, embora haja menor intromissão de outros profissionais na elaboração.</p>
12	<p><i>Princípio da confiabilidade absoluta da lógica para estabelecer a verdade intrínseca das teorias. Toda a contradição aparece necessariamente como erro.</i></p> <p>Ex.: A reportagem visa a verdade dos fatos. Às vezes, aparece com uma única verdade e, conseqüentemente, pode parecer tendenciosa.</p>	<p><i>Problemática das limitações da lógica. Reconhecimento dos limites da demonstração lógica nos sistemas formais complexos. Princípio discursivo complexo, comportando a associação de noções complementares, concorrentes e antagônicas.</i></p> <p>Ex.: O romance-reportagem também tem como objetivo a verdade dos fatos. Porém, não existe uma verdade única. Assim,</p>

		apresenta várias verdades num mesmo fato.
13	<p><i>Pensa-se inscrevendo idéias claras e distintas num discurso monológico.</i></p> <p>Ex.: A reportagem escrita de forma sucinta e em seqüência lógica dos acontecimentos de um fato objetiva dar clareza ao leitor.</p>	<p><i>Há que pensar de maneira dialógica e por macroconceitos, ligando de maneira complementar noções eventualmente antagônicas.</i></p> <p>Ex.: O romance-reportagem também visa a oferecer clareza ao leitor diante de um fato, mas, com o uso de recursos literários, permite deixá-lo com dúvida. Coloca o antagonismo clareza-dúvida para causar um mal-estar no leitor, fazendo com que ele se esforce na busca da compreensão do fato.</p>

Quando Morin dá a sua visão sobre o significado de explicação, pode-se entender que ela é um paradigma de simplificação. Afinal, a explicação é dada por meio de demonstrações lógicas-empíricas. Lida com as determinações, leis, regras, mecanismos, estruturas de organização de todos os fenômenos. O objeto está em evidência, enquanto se abandona o sujeito. Já a noção de compreensão dada por Morin pode ser aplicada ao paradigma de complexidade, pois é dada importância à subjetividade, por meio do ciclo projeção-identificação, dos fenômenos ou situações.

Partindo das noções de explicação e compreensão de Morin, entende-se que os gêneros identificados com a explicação são o informativo, o opinativo, o interpretativo e o diversional. Com a idéia de que o romance-reportagem perambula por estes gêneros sem se acomodar em nenhum, propõe-se então ser ele a matriz de um peculiar gênero jornalístico: o jornalismo compreensivo.

O JORNALISMO COMPREENSIVO

E, afinal, o que é jornalismo compreensivo? Quais são as suas características? O jornalismo compreensivo é a busca da compreensão da realidade a ser retratada. Uma de suas características é a profundidade do tema. A reportagem publicada em jornais e revistas também visa à profundidade do fato, mas o jornalismo compreensivo mergulha mais fundo e caminha atrás da complexidade do mundo em foco.

O jornalismo compreensivo lida com as técnicas jornalísticas e literárias. Trabalha com os procedimentos jornalísticos para dar credibilidade e veracidade a um tema. Utiliza os recursos da literatura, principalmente do romance, para escrever um texto mais denso, emotivo, atraente e provocador para o leitor. Assim, não possui padrão para elaborar o texto. A maneira como vai contar a história é decidida pelo jornalista. O lead e a pirâmide invertida não são uma obrigação para o profissional escrever um texto compreensivo. O que vale é um texto criativo e sensível para envenenar o leitor e hipnotizá-lo até o fim.

Quando usa as técnicas do jornalismo e da literatura, o leitor pode ter dúvida se o que está lendo é verossímil ou não. A dúvida é permitida no jornalismo compreensivo, pois faz com que o leitor reflita sobre o tema retratado e aja para conseguir mais conhecimentos. A dúvida gera caos ou desordem e, conseqüentemente, o leitor tenta colocar ordem no seu pensamento.

A objetividade, a imparcialidade e a neutralidade não são leis de conduta no jornalismo compreensivo. O jornalista pode manifestar suas opiniões, observações, fazer juízos de valor. Isso não quer dizer que ele vá escrever o texto todo julgando as ações e os comportamentos das pessoas envolvidas no fato. Para não transformar em um texto pessoal, a subjetividade do jornalista pode aparecer, por exemplo, nos próprios personagens.

Quem é mais importante no jornalismo compreensivo: a pessoa ou o acontecimento? A pessoa. Ela é a protagonista de uma história. O jornalismo compreensivo busca saber quem é ela, o que faz, como se veste, quais são os seus hábitos, o que pensa. Procura mostrar o interior da pessoa, não apenas o que fez para tornar-se notícia. Quando investiga o interior, o jornalista está buscando entender a complexidade do seu ser.

O jornalista elabora seu texto a partir de depoimentos de quem realmente participou dos acontecimentos ou presenciou-os. Ele procura pessoas que têm boas histórias a serem contadas. É comum confirmar um mesmo fato com várias fontes diferentes, como é feito também em uma reportagem comum. As observações das pessoas entrevistadas não são normas para buscar a objetividade total, mas a procura da sensibilidade para tratar com versões não confiáveis.

Se a pessoa e seu mundo são enfocados, é o jornalismo compreensivo trabalhando com a sua singularidade. O jornalista não procura traçar a pessoa de forma geral. Pelo contrário, busca mostrar as suas peculiaridades. Das particularidades que formam a sua singularidade. Cada pessoa é singular, local, individual, como faz compreender Morin.

Embora, muitas vezes, o objetivo de escrever um texto compreensivo tenha partido da curiosidade do jornalista de contar uma determinada história com profundidade, não há como deixar de lado a denúncia social. Quando se aprofunda num tema, o jornalista vai conhecendo os mecanismos da existência de um ou mais problemas enfrentados pelos personagens. Ele também sente que essa realidade vivida pelos personagens poderia ser mudada para melhor. Quando escreve as dificuldades dos personagens, ele está denunciando-as para o leitor. Ao retratar o ambiente difícil dos personagens, o jornalista tem o desejo de compartilhar com o leitor o que sabe, apesar de nem sempre demonstrar de modo explícito. Se o leitor toma

conhecimento, desde que compreenda, é mais uma pessoa querendo mudar a realidade vivida pelos personagens. Enfim, denunciar é uma característica do jornalismo compreensivo.

Descrever personagens, lugares vividos por eles, ações e comportamentos é essencial no jornalismo compreensivo. Descrever o máximo possível para o leitor entender e sentir o clima de uma história. Entrando no mundo deles, o leitor participa de seus sofrimentos, suas dificuldades, suas alegrias, suas conquistas. Ou, ainda, se coloca no lugar dos personagens. Quando o leitor se coloca no lugar dos personagens, ele está vivendo pelo espírito, compreende as vidas dos personagens. É assim que o ciclo de projeção-identificação, que Morin diz ser a origem da compreensão, entra em ação.

O jornalista não deve ficar distante ou alheio aos sentimentos manifestados pelas pessoas que contam as suas histórias para depois compor um texto. Os seus olhos não devem estar direcionados aos fatos em si, mas sim aos sentimentos dos personagens que viveram os fatos. O profissional que se mostra interessado faz com que as pessoas falem mais de suas histórias. Ele próprio deve estar presente na história contada pelos seus entrevistados. Se o jornalista sente, consegue escrever um texto que também provoque algum tipo de sentimento no leitor.

Ao traçar a individualidade e a singularidade da história narrada, o jornalista procura não mutilar nem compartimentar a realidade vivida pelos personagens. Por isso, ele conversa bastante com os personagens e vai até o local das ocorrências várias vezes. Ao levar em conta a peculiaridade da história, o profissional procura inserir o personagem no seu contexto. Dessa forma, ele está relacionando, conforme Morin, o individual com o universal, o singular com a pluralidade.

As características dadas sobre o jornalismo compreensivo não são as únicas. Elas se proliferam, se reproduzem. Características não são regras, padrões. Elas são algo que chamam a atenção do leitor. Se criassem regras para o jornalismo compreensivo, ele deixaria de ser caminho para o jornalista escrever livremente uma reportagem com profundidade. Cada tema exige uma maneira diferente de escrever. Cada jornalista tem seu próprio estilo.

Então, o jornalismo compreensivo é aquele que busca narrar com profundidade o mundo complexo, focalizando os seus personagens, oferecendo ao escritor, além das técnicas jornalísticas, as de literatura, especialmente as do romance, para despertar o interesse do leitor pelo tema e instigá-lo a percorrer os fios da infinita rede constitutiva da vida.

ESTUDO DE CASO

Para reforçar o romance-reportagem como a matriz do jornalismo compreensivo, tenta-se, através de três livros desse tipo de narrativa, mostrar elementos que o tornam peculiar: “Aracelli, meu amor: um anjo espera a justiça dos homens”, de José Louzeiro, “As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes”, de Domingos Meirelles, e “Abusado: o dono do morro Dona Marta”, de Caco Barcellos. Os três autores são jornalistas e as histórias narradas estão baseadas em pessoas e acontecimentos reais, que tiveram repercussão junto ao público através de outros meios de comunicação. As obras escolhidas foram escritas em períodos diferentes, mostrando que o romance-reportagem continua em vigor, embora nem sempre seja utilizado o termo.

O livro de Louzeiro trata do assassinado da menina Aracelli, de 9 anos, ocorrido em Vitória, capital de Espírito Santo. O de Meirelles narra os momentos dramáticos dos rebeldes do Exército e civis contra o governo nos anos de 1920, em busca do sonho de tornar o Brasil uma grande nação. E o de Barcellos conta a história do tráfico de drogas na favela Santa Marta, localizada no Rio de Janeiro, a partir da vida de Juliano VP, codinome dado a Marcinho VP (morto em 2003) na obra, e de seus companheiros.

A seguir, apresenta-se, por meio dos três livros, os componentes que Rildo Cosson (2001) os denominou de processos narrativos realistas, a partir dos inventários de Philippe Hamon. Vale salientar que nem todos os componentes têm presença garantida nos livros estudados. Se fossem obrigatórios tê-los, o romance-reportagem deixaria de ser uma atividade exercida com liberdade, passando a trabalhar com regras definidas.

Os processos narrativos realistas presentes e incorporados pelo jornalismo compreensivo ajudam a sustentar a imitação e a verossimilhança da verdade factual. Os elementos do primeiro grupo dividido por Cosson (2001: 47) são: a predição, o pressentimento, o projeto, a maldição, a recordação, a obsessão, o resumo, o *flash-back*, a motivação psicológica, a validação do discurso, a circulação da informação, as descrições extensas, a destonalização e desmodalização do discurso na busca de uma linguagem transparente, o nivelamento do herói, a reprodução dos discursos do saber, o registro da fala dos personagens, dentre outros artifícios. Esse primeiro grupo, segundo Cosson, visa a dar harmonia ao texto narrativo com o uso de artifícios que oferecem o efeito do real. O segundo grupo objetiva dar autenticidade e legibilidade da história narrada. Entre os seus processos estão: a localização espacial, a datação, a utilização de documentos e as entidades e referências históricas.

O pressentimento é encontrado em “Aracelli, meu amor”. Em muitas passagens da obra, a personagem Rita Soares prevê o futuro dos assassinos da menina. Rita está presente em quase todas as ações no livro. O leitor pode chegar a se perguntar: ela é real ou invenção? Resposta: é uma personagem ficcional criada pelo autor. É ela que traça a ambigüidade desse romance-reportagem. É tão real que a polícia de Vitória chegou a procurá-la. Provavelmente ela seja o próprio autor interferindo na história. Pode ser que Louzeiro não tenha encontrado um personagem real que desse mais agilidade à trama e resolveu, assim, criar a cigana.

Cosson diz que o narrador de um texto real procura validar seu discurso pela apresentação de uma origem, por ser segura e confiável, que dê garantia de autenticidade. No romance-reportagem, a origem está ligada a uma reportagem que possui a garantia de veracidade por ter sido veiculada nos outros meios de comunicação. Geralmente os fatos reportados numa manchete de jornal, internet, rádio ou televisão são a primeira semente de um futuro romance-reportagem.

Nos três livros de romance-reportagem, a validação do discurso está centralizada no narrador que se posiciona fora da história. O autor escreve na 3ª pessoa, mas narra como se ele tivesse visto o que aconteceu. Apesar do narrador de “Abusado” estar fora da história em grande parte do livro, a narrativa aparece na 1ª pessoa na terceira parte da obra denominada “Adeus às armas”. Em alguns capítulos da terceira parte, o próprio Caco Barcellos está inserido na história e conta o que testemunhou.

Quem lê o livro de Barcellos não encontra nas primeiras páginas a apresentação do autor sobre como surgiu o desejo e quais os objetivos de escrever a obra. Apenas há uma pequena nota justificando o uso de codinomes ou apelidos dos personagens e informando que não sofreu pressão da quadrilha e de outros personagens. Há ainda uma breve apresentação na contracapa do livro, mas não são as palavras de Barcellos. À medida que lê, o leitor encontra na terceira parte a interferência do autor na história. É ali que se conhece o motivo que levou Caco Barcellos a escrever a obra. Ele conta as dificuldades que enfrentou e como realizou a obra.

A circulação de informação é outro processo narrativo realista encontrado nestes três livros. O objetivo de seu uso, conforme Cosson, é ocupar os espaços narrativos com informações e, simultaneamente, evitar riscos de uma subjetividade inconveniente. Quando a informação é transmitida na boca de um personagem, cria coerência interna no texto e garante a autenticidade dessa informação. No livro de Barcellos, a circulação de informações é feita, na maioria das vezes, pelo pessoal ligado ao tráfico e moradores da favela Santa Marta. Em

“As noites das grandes fogueiras”, a transmissão de informações é realizada pelos habitantes de diferentes regiões do Brasil.

O registro da fala dos personagens, segundo Cosson, tem o objetivo de instaurar características de coloquialidade nos diálogos e, dessa forma, naturalizá-los. Provavelmente o narrador possui também a intenção de mostrar fidelidade às falas dos personagens e, conseqüentemente, ilustrar as características dos diálogos coloquiais de uma comunidade ou pessoa.

A localização espacial, que faz parte do segundo grupo dos processos narrativos realistas, diz respeito ao lugar onde é desenvolvida a ação da narrativa, podendo ser feita por meio da descrição dos locais ou da nomeação dos lugares onde acontece a ação. A datação, segundo Cosson, é responsável pela coesão temporal da narrativa. Também é necessária para o bom desenvolvimento da cronologia na narrativa. Meirelles utiliza a datação em grande parte de seu livro como se fosse um diário. Como, por exemplo, a narração da rebelião em São Paulo no ano de 1924. Alguns capítulos são subdivididos por data das ações da rebelião.

As entidades e as referências históricas são usadas nos três livros para autenticar a referencialidade da narração. Em “Abusado”, por exemplo, aparecem nomes de igreja, polícia, hospital, presídio, governante e empresa de comunicação. A utilização de documentos também faz parte do processo narrativo realista por ser um componente de comprovação ou de verificação de sua factualidade. Ela pode ser feita de várias maneiras. Um exemplo dado por Cosson são os depoimentos na CPI da Assembléia Legislativa do Espírito Santo, os quais são incorporados na narrativa de “Aracelli, meu amor”. Uma outra forma é mostrar os documentos fora do discurso narrativo, geralmente como anexos, notas explicativas ou introdutórias. Em “Abusado” e “As noites das grandes fogueiras” há fotografias que mostram o cenário e os personagens das duas histórias.

Esses são alguns componentes que asseguram a coerência interna e a autenticidade do discurso narrativo. Eles são, na verdade, em número maior do que os registrados neste trabalho. A exposição de tais elementos serviu para sustentar a verdade factual e a denúncia social. E também para o romance-reportagem ser visto como a matriz da proposta de um novo gênero. Notável que o narrador do romance-reportagem não se incomoda em usar os artifícios que pertencem ao estilo romanesco para enunciar a verdade factual. Para alguns narradores, o mais importante pode ser o cumprimento da missão assumida.

Nos três livros, um aspecto chama a atenção: o papel desempenhado pela imprensa sobre os mesmos temas trabalhados por Louzeiro, Meirelles e Barcellos. Provavelmente os três autores estão mostrando que a imprensa apresenta ao público os temas de modo simplista.

Em “Aracelli, meu amor”, a imprensa noticiou com bastante destaque o assassinato da menina. Na medida em que as ações impediam a descoberta dos envolvidos no crime, os jornais foram deixando, aos poucos, de noticiar as investigações do assassinato. Certamente os jornais estavam tomando esse rumo para não atrapalhar os trabalhos policiais, sendo um jornalismo voltado para o que a polícia determina o que pode ser publicado. Um jornalismo de uma fonte só, como se a polícia fosse o único lugar para conseguir informação. Os jornais só voltam a noticiar o caso Aracelli quando há uma novidade (evidentemente a polícia permitiu a publicação).

Como a imprensa não realizou um trabalho jornalístico de profundidade, Louzeiro aproveitou esse espaço vazio para escrever na forma de livro. Buscar as particularidades, os pormenores e/ou a complexidade da história do assassinato da menina, certamente, foi o que motivou ou despertou a curiosidade de Louzeiro para trabalhar nesse tema. No seu discurso uma denúncia evidente: a justiça não foi feita no caso Aracelli.

A presença da imprensa também consta em “As noites das grandes fogueiras”. Meirelles conta que durante a jornada da Coluna Prestes e até antes de seu surgimento, o governo não permitia que a imprensa noticiasse as derrotas de suas ações. Somente elogios entravam nas páginas do jornal. Se não havia escapatória para noticiar o que a população estava vendo, por exemplo, uma rebelião, o governo mandava a imprensa mostrar que o problema estava sob controle. Resultado: o jornal que defendia o governo publicava uma mentira. Assim, existia a censura. E ela não era aplicada somente aos jornais brasileiros, mas também às agências de notícias.

Diante desse quadro, a imprensa estava amordaçada para retratar de forma profunda a realidade que acontecia no país. Quando ela conseguiu se livrar das amarras da censura, a saga da Coluna Prestes já tinha chegado ao fim. Já era tarefa dos historiadores. Meirelles teve o seu interesse despertado por esse tema em 1972. Em abril de 1974, durante a coleta de informações para a reportagem sobre a rebelião paulista de 5 de julho de 1924, Meirelles diz que “o que não passava de mera curiosidade se transformou em paixão” (2001: 20). A série de reportagens sobre a marcha da Coluna Prestes foi publicada no *Jornal da Tarde*, em julho de 1974. E Meirelles confessa: “Apesar dos elogios recebidos, na redação, pelo ineditismo do trabalho, muitas perguntas continuavam sem resposta.” (2001: 23). Pronto, estava lançada a primeira semente para o futuro livro, tendo o seu interesse focalizado nos personagens que participaram da Coluna Prestes.

Como Meirelles trata do tema que aconteceu há mais tempo, é notável que os ideais da luta dos rebeldes para um Brasil mais honesto e de melhores condições de vida continuam

sendo os mesmos nos dias de hoje. A luta que já exista na década de 1920 é a mesma de hoje. Provavelmente essa é a denúncia de Meirelles.

Caco Barcellos também coloca a presença da imprensa nas páginas de “Abusado”. Uma delas é quando conta a guerra entre Zaca e Cabeludo pelo poder no morro Santa Marta em 1987 que se transformou em notícia no Brasil e no mundo. Os jornalistas enfrentaram dificuldades para realizar as reportagens sobre a guerra na favela. Nem a entrada de um porta-voz ligado ao pessoal da favela facilitou o trabalho dos jornalistas, pois estavam lidando com uma pessoa diferente de seu mundo.

Outro momento em que a imprensa aparece no livro de Barcellos é quando Michael Jackson fez as gravações de um clipe na Santa Marta. Apesar da proibição da entrada de jornalistas na favela, três deles conseguiram furar o cerco. Quando foram descobertos pelos homens de Juliano VP, eles tentaram convencê-lo a dar uma entrevista. Juliano topou ser entrevistado, com a promessa dos repórteres de não divulgar o seu nome e nem dizer que ele era o dono do morro.

A promessa não foi cumprida. A publicação da entrevista, de conteúdo explosivo, tirou para sempre do anonimato e abalou radicalmente a sua vida. Juliano “virou alvo de uma caçada policial implacável, como se ele fosse um dos maiores inimigos públicos do Rio de Janeiro.” (BARCELLOS, 2003: 348). Juliano constatou que os três jornais publicaram seu nome, sua fotografia e versões diferentes sobre a mesma entrevista da madrugada de sábado. A vida dos três repórteres também mudou. Todos receberam ameaças e passaram a ter cuidados básicos de segurança. Barcellos conta em seu livro os pontos de vista dos jornalistas.

De maneira geral, a atuação da imprensa antes de Barcellos publicar “Abusado” era sensacionalista (ainda é). A imprensa, quando noticia algo sobre o tráfico de drogas, procura destacar mais a morte, a guerra ou a violência. Ele não deixa de denunciar as dificuldades enfrentadas pelo pessoal do morro Santa Marta. Além da falta de oportunidade para que crianças e jovens encontrem emprego honesto com bons salários, o jornalista registra o descaso do governo para atender às necessidades dos moradores da favela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura dos três livros para o estudo de caso percebeu-se que as peculiaridades do romance-reportagem pediam a proposta de se conceber um novo gênero jornalístico, o jornalismo compreensivo. Para tanto foram trabalhadas as concepções de Edgar Morin sobre o que se entende por explicação, compreensão, paradigmas da simplificação e da complexidade.

O romance-reportagem foi identificado com as noções de compreensão e do paradigma da complexidade.

Partiu-se então para a proposta do jornalismo compreensivo, apresentando suas características, muitas delas advindas do romance-reportagem. Nas três obras estudadas uma determinada história é contada através dos personagens. Eles ganham mais valor do que o fato. Afinal, dentro do fato existe a pessoa. Para entender a ocorrência do fato é preciso conhecer a pessoa. O jornalista não trabalha enxergando só com os olhos, ele sente a pessoa, a vida pelo fato.

Finalmente, por terem esta perspectiva de superar o olhar da explicação e se guiar pelos artifícios do romance-reportagem, bússolas da compreensão, “Aracelli, meu amor”, “As noites das grandes fogueiras” e “Abusado” vão ao encontro da proposta do jornalismo compreensivo.

Referências bibliográficas:

AMARAL, Luís. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

BARCELLOS, Caco. **Abusado: o dono do morro Dona Marta**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BIANCHIN, Neila T. Roso. **Romance-reportagem: onde a semelhança não é mera coincidência**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

CASTRO, Manuel Antônio de. **José Louzeiro e o romance-reportagem**. Disponível em: <<http://www.booklink.com.br/joselouzeiro/rom-report.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2002.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Jornalismo não se divide em opinião e informação**. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?q=cache:C1DhQhGHe0J:www.reescrita.jor.br/ptgeneros.htm++site:www.reescrita.jor.br+Jornalismo+n%C3%A3o+se+divide+em+opini%C3%A3o+e+informa%C3%A7%C3%A3o,+Manuel+Carlos+Chaparro&hl=pt-BR&ie=UTF-8>>. Acesso em: 08 jun. 2003.

COSSON, Rildo. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

_____. **O romance-reportagem depois dos anos 70**. Disponível em: <http://www.ceud.ufms.br/litcomp/forum/forum26_3.htm>. Acesso em: 02 fev. 2003.

- ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo – redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- KRAKAUER, Jon. **Na natureza selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LOUZEIRO, José. **Araceli, meu amor: um anjo espera a justiça dos homens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: uma questão de gênero**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/viii-sipec/gt05/art-gt05.html>>. Acesso em: 22 out. 2003.
- MEIRELLES, Domingos. **As noites das grandes fogueiras: uma história da Coluna Prestes**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MORIN, Edgar. **O método 3 – o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- _____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- REGO, Francisco Gaudêncio Torquato do. **Jornalismo empresarial: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 1987.